



## O PAPEL DO CURSO DE LETRAS NA DESCONSTRUÇÃO DO PRECONCEITO LINGUÍSTICO DOS ACADÊMICOS

Nakathovia Ribeiro Bernardes da Silva<sup>1</sup>  
Patrícia Graciela da Rocha<sup>2</sup>

**Resumo:** Preconceito linguístico refere-se à atitude negativa frente a um determinado grupo linguístico sem razão aparente para isso. Geralmente, essa atitude está voltada a grupos linguísticos que detêm pouco ou nenhum prestígio social (BOTASSINI, 2015). Quando os alunos chegam ao curso de graduação em letras é perceptível a sua surpresa ao se depararem com as disciplinas de linguística, pois a grande maioria vem de uma Educação Básica conservadora e de um ensino de língua portuguesa calcado na gramática tradicional, sem reflexão linguística que historicamente reforça e constrói atitudes negativas a respeito da língua e das suas variedades. Diante dessa observação inicial, o objetivo desta pesquisa é identificar crenças e atitudes dos acadêmicos do curso de Letras – formandos – a respeito da variação linguística do português e refletir sobre o papel do curso de Letras na desconstrução de mitos populares acerca da língua, tendo em vista que suas crenças e atitudes linguísticas influenciarão nas decisões voltadas à questão do ensino a partir do momento em que se tornarem professores da Educação Básica. Este estudo é realizado sob o escopo teórico e metodológico da sociolinguística Laboviana (LABOV, 2008; CALVET, 2002; BAGNO, 2015).

**Palavras-chave:** Preconceito linguístico. Crenças. Atitudes. Acadêmicos de letras.

### **THE ROLE OF THE LETTER COURSE IN THE DECONSTRUCTION OF ACADEMIC LINGUISTIC PREJUDICE**

*Abstract: Linguistic prejudice refers to the negative attitude towards a certain linguistic group for no apparent reason. Generally, this attitude is aimed at linguistic groups that have little or no social prestige (BOTASSINI, 2015). When students arrive at the undergraduate course in letters, their surprise is noticeable when they encounter linguistic disciplines, as the vast majority come from a conservative Basic Education and teaching of Portuguese language based on traditional grammar, without linguistic reflection, which historically reinforces and builds negative attitudes about language and its varieties. Given view of this initial observation, the objective of this research is to identify what are the beliefs and attitudes of the academics of the Language course - freshmen and graduates - regarding the linguistic variation in the process of teaching and learning Portuguese, considering that their beliefs and attitudes Linguistic skills will influence decisions on the issue of teaching from the moment they become teachers of Basic Education. Under the theoretical and methodological scope of Labovian sociolinguistics (LABOV, 2008; CALVET,*

---

<sup>1</sup>Graduanda do 5º semestre do curso de Letras português e Inglês da UFMS e bolsista PIBIC 2019/2020. E-mail: nakathoviaribeiro12.bernades@gmail.com.

<sup>2</sup>Professora adjunta de Língua Portuguesa e Linguística do curso de letras (FAALC/UFMS). ORCID: 0000-0002-8814-9613. E-mail: patrigraciro@gmail.com.

2002; BAGNO, 2015) it is expected to identify common-sense linguistic beliefs and attitudes among freshmen and, on the other hand, a higher scientific linguistic knowledge in students trainees.

**Key-words:** Linguistic prejudice. Beliefs. Attitudes. Freshmen. Letras students.

## Introdução

A escola tem sido, tradicionalmente, um espaço em que se constroem crenças e se moldam atitudes, sendo assim, é importante verificar como os formadores da consciência linguística e disseminadores dos discursos sobre língua concebem os conceitos de língua, variação e ensino durante o processo de formação acadêmica e em que medida o Curso de Letras cumpre o papel de mudança de crenças e atitudes preconceituosas provindas do senso comum para uma visão mais científica da linguagem. De acordo com Freitag et al (2016), nos cursos de formação de professores (cursos de Letras), o papel da escola se revela na medida em que, ao mesmo tempo que os acadêmicos se apropriam de teorias (socio)linguísticas para caracterizar a sua percepção linguística, eles também refletem um discurso socialmente recorrente sobre a língua dominante.

Diante dessas questões, o objetivo desta pesquisa é identificar crenças e atitudes dos alunos do curso de Letras – formandos – a respeito da variação linguística do português e refletir sobre o papel do curso de Letras na desconstrução de mitos populares acerca da língua, tendo em vista que suas crenças e atitudes linguísticas influenciarão nas decisões voltadas à questão do ensino a partir do momento em que se tornarem professores da Educação Básica.

Na sequência do texto, apresenta-se o referencial teórico deste estudo, a metodologia utilizada para a composição do corpus e, em seguida, os dados em forma de gráficos e suas respectivas análises. Por fim, são tecidas algumas considerações finais e as referências bibliográficas.

### 1. Referências teóricas

De acordo com Botassini (2015), o interesse a respeito das Crenças e Atitudes Linguísticas surgiu na área da Psicologia Social. Por isso, as definições para esses termos estão voltadas, inicialmente, para a perspectiva social, para as crenças e as atitudes referentes a um objeto social. O objeto social, entretanto, pode ser teoria,

situação, acontecimento, língua, dialeto, grupo, pessoa, etc. Então, ao interessar-se por um objeto social, pode-se estar estimulado em uma língua ou dialeto específico. Sendo assim, falar em objeto social pressupõe falar, dentre outras coisas, a respeito da língua. E aquilo que se refere à atitude social pode ser usado para referir-se à atitude linguística.

Dito isso, um dos elementos basilares desta pesquisa é o conceito de crença, cuja definição não é unânime, porém é preciso fazer escolhas:

Crença é uma forma de pensamento, construções da realidade, maneiras de ver e perceber o mundo e seus fenômenos, co-construídas em nossas experiências resultantes de um processo interativo de interpretação e (re)significação. Como tal, crenças são sociais (mas também individuais), dinâmicas, contextuais e paradoxais (BARCELOS, 2007, p. 113).

A autora esclarece que se trata de uma definição mais recente, a qual – contrariando a visão de que as crenças são estáticas – caracteriza-as como dinâmicas, justificando, a partir de uma visão sociocultural, que elas mudam através do tempo, o que não significa que elas são geradas imediatamente.

Ainda de acordo com Barcelos (2007), as crenças se apoiam em fatos ocorridos no passado, em opiniões de intelectuais, em assuntos veiculados pela mídia, entre outros. Ela ressalta que as crenças são “socialmente construídas e situadas contextualmente”. À medida que as pessoas interagem e modificam suas experiências, são também modificadas por elas; assim, as crenças “incorporam” as perspectivas sociais, pois nascem no contexto da interação e na relação com os grupos sociais” (BARCELOS, 2007, p. 114). A autora ainda enfatiza o fato de as crenças serem paradoxais e contraditórias, pois, ao mesmo tempo em que são sociais, elas também são individuais e únicas, porque cada pessoa assimila uma experiência de modo particular.

Essa conceituação leva a refletir sobre o quanto as crenças têm influência sobre os sujeitos e sobre o porquê é tão difícil esquivar-se das opiniões e pensamentos que acompanham o cotidiano social e também individual.

Uma das crenças mais latentes na Educação Básica, por exemplo, são aquelas referentes aos modelos normativos e metalinguísticos da gramática tradicional que acaba prejudicando o ensino de línguas. Esse é um dos pontos tratados pelo linguista Marcos Bagno no livro “preconceito linguístico” no tópico em que ele trata do primeiro mito “o português do Brasil apresenta uma unidade surpreendente”, ele afirma que:

Esse mito é muito prejudicial à educação porque, ao não reconhecer a verdadeira diversidade do português falado no Brasil, a escola tenta impor sua norma linguística como se ela fosse, de fato, a língua comum a todos os mais de 200 milhões de brasileiros, independente de sua idade, de sua origem geográfica, de sua situação socioeconômica, de seu grau de escolarização, etc (BAGNO, 2015, p. 26).

É evidente que os conceitos linguísticos se constroem já na Educação Básica e, com eles, os alunos chegam na graduação, mais especificamente no curso de letras, com um rol de opiniões acerca do que seja língua, gramática e variação linguística (muitas delas advindas do senso comum) e ficam impressionados (ou assustados) ao descobrir a existência do preconceito linguístico e de estudos e pesquisas com relação a ele.

No caso do curso de Letras da UFMS, um dos primeiros contatos dos alunos com a Teoria da Variação Linguística e, conseqüentemente, com a temática preconceito linguístico e dá nas disciplinas de Linguística e a partir do livro, já citado, de Marcos Bagno. Nessa obra, o autor apresenta a mitologia do preconceito linguístico, elencando oito mitos principais que inspiraram essa pesquisa. Para Bagno (2015), os mitos linguísticos são algumas afirmações equivocadas que o falante tem de sua língua, de questões relacionadas a ela, e geralmente são criados quando algum teórico renomado produz uma opinião com relação a sua língua mãe e a sociedade reproduz o que ele expressou como uma verdade absoluta.

Nesse sentido, esta pesquisa trata também de algumas atitudes linguísticas, cujo termo pode ser definido como:

Uma maneira organizada e coerente de pensar, sentir e reagir em relação a pessoas, grupos, questões sociais ou, mais genericamente, a qualquer acontecimento ocorrido em nosso meio circundante. Seus componentes essenciais são os pensamentos e as crenças, os sentimentos (ou emoções) e as tendências para reagir (LAMBERT; LAMBERT, 1972 apud BOTASSINI 2015, p. 9).

Sendo assim, um discurso discriminatório a respeito de uma determinada língua, ou de uma variedade linguística, é um atitude linguística que é realizada, geralmente, a partir de *crenças* que o sujeito adquire ao longo da vida.

## 2. Metodologia

Esta pesquisa assume um caráter qualitativo e quantitativo uma vez que se coletaram dados por meio de um Teste de Atitude e Percepção Linguística no qual haviam questões objetivas e também espaços para depoimentos pessoais que pudessem trazer elementos para uma compreensão mais ampla das questões levantadas.

O Teste foi elaborado por meio de instrumento eletrônico, com o auxílio da ferramenta Google Forms. Trata-se de um questionário composto por questões objetivas e dissertativas separadas em três blocos de conteúdo: delineamento do perfil sócio demográfico (onde nasceu, onde mora, instituição e curso que frequenta, semestre em que estuda, faixa etária e sexo), crença linguística (definição da língua que fala, descrição de traços que caracterizam a língua que fala, mitos acerca da língua etc.) e julgamento (como o falante avalia a sua fala em relação ao falar de outro, como ele se sentiria se julgasse sua fala parecida com a de outro etc.).

Até o presente momento, o Teste foi aplicado apenas aos alunos dos semestres finais dos Cursos de Letras da UFMS – Português/Espanhol e Português/Inglês – de Campo Grande/MS e, posteriormente, ele será aplicado aos calouros dos mesmos cursos para que se possa verificar os efeitos das disciplinas do currículo para a mudança, ou não, das crenças e atitudes linguísticas dos acadêmicos.

Os dados gerados a partir desse Teste serão apresentados e analisados a seguir<sup>3</sup>.

## 3. Apresentação e análise dos dados

Como já mencionado, os dados aqui apresentados referem-se a alunos do último semestre dos Cursos de Letras da UFMS que responderam ao Teste no segundo semestre de 2019, perfazendo um total de 10 participantes. Sobre o perfil dos participantes, um dado interessante a ser mencionado é que apenas pessoas do sexo feminino responderam a pesquisa, embora as turmas tenham estudantes de ambos os sexos. A faixa etária dessas alunas é majoritariamente de 21 a 30 anos (90%) e 10% têm mais de 40 anos. No que se refere à habilitação 70% são do Espanhol e 30% do inglês. Quanto à procedência geográfica, as alunas são em sua maioria campo-

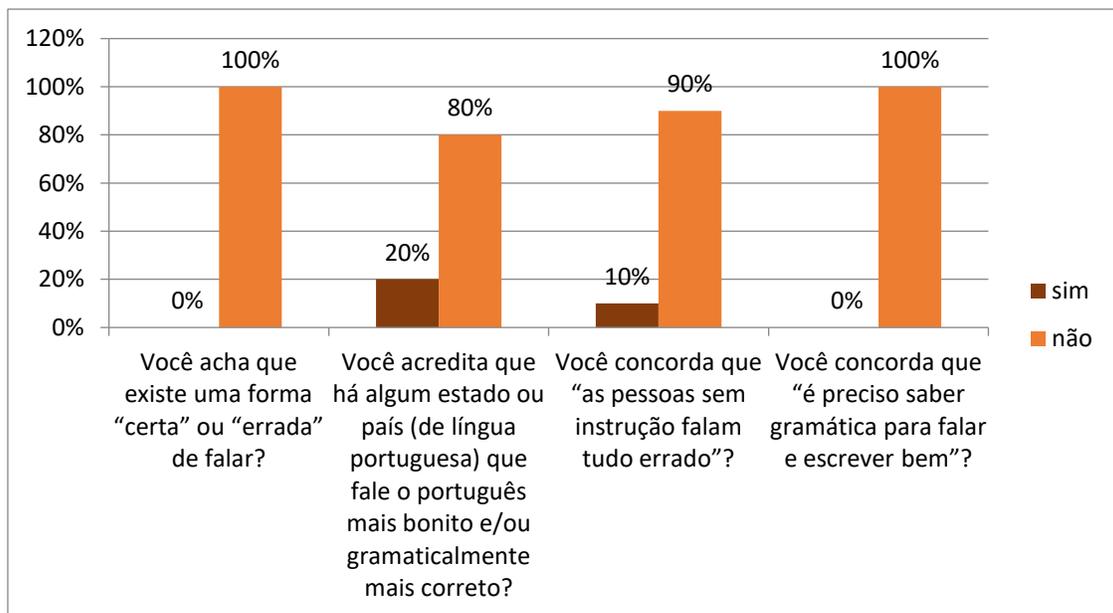
---

<sup>3</sup> O Teste aplicado possui 20 questões, entretanto, devido ao espaço destinado a esse texto, apenas 8 delas foram selecionadas para esta discussão.

grandenses (70%) e as demais são de Diadema – SP (10%), Cuiabá – MT (10%) e Rio de Janeiro – RJ (10%). Quanto ao percurso escolar na Educação Básica, a metade dos sujeitos informou ter vindo escola pública, 40% cursaram parcialmente na Escola Pública e Privada, e apenas 10% vieram de Escolas Privadas.

O gráfico1 apresenta as respostas a 4 perguntas que foram elaboradas com base nos Mitos elencados por Bagno (2015). O objetivo desse conjunto de questões era verificar se os alunos que estão se formando realmente desconstruíram os (pré)conceitos linguísticos que possivelmente possuíam quando entraram no curso.

Gráfico 1: Mitos Linguísticos

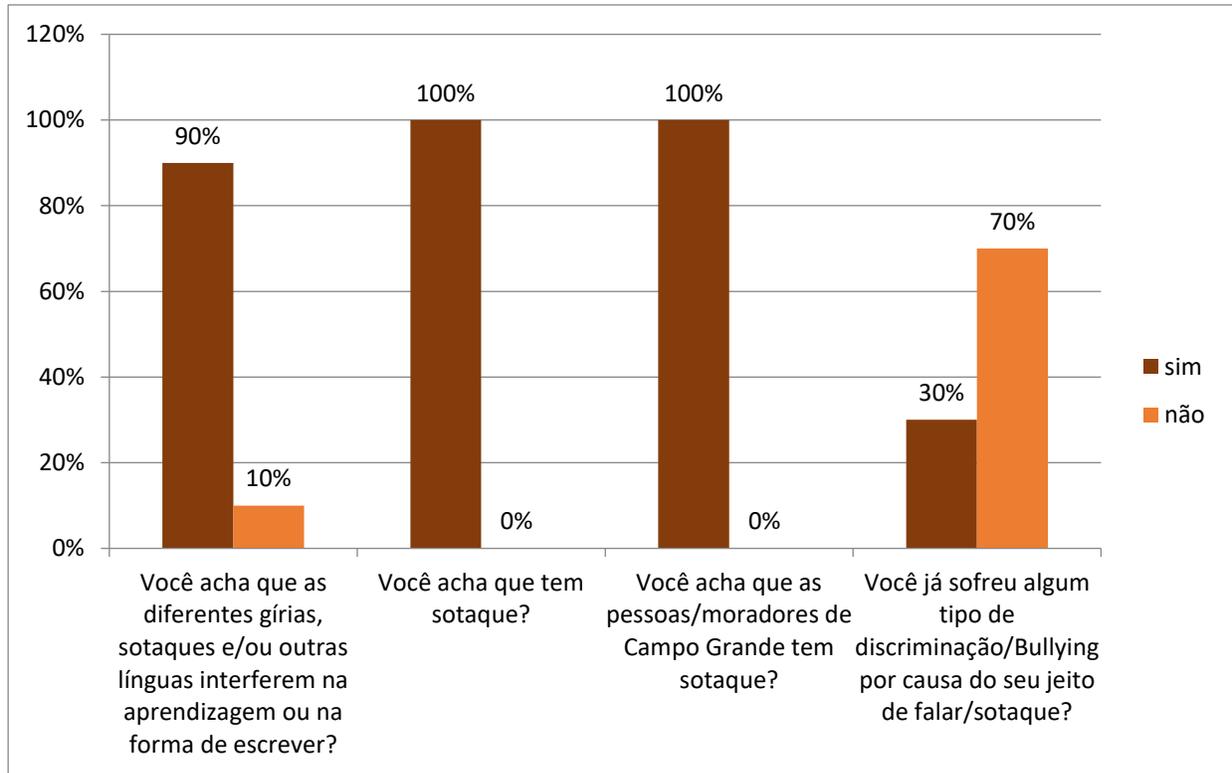


É possível verificar que a grande maioria dos acadêmicos não concorda com as 4 afirmativas que representam os Mitos propostos por Bagno e uma pequena parcela (20%) acredita que há algum estado ou país (de língua portuguesa) que fale o português mais bonito e/ou gramaticalmente mais correto. Outra pequena parcela (10%) ainda acredita que as pessoas sem instrução falam tudo errado. Esses resultados sugerem que o curso de Letras vem cumprindo o seu papel de substituir crenças linguísticas típicas do senso comum por conceitos científicos acerca da língua. Entretanto, a mudança não tem alcançado a totalidade dos acadêmicos.

O segundo gráfico apresenta 4 questões voltadas para a consciência linguística acerca da variação, mais especificamente a respeito do sotaque das pessoas e a sua influência na aprendizagem e na escrita. Além disso, a última questão do gráfico

objetivava verificar se os participantes já haviam sofrido algum tipo de discriminação linguística.

Gráfico 2: Avaliações linguísticas



Os resultados das 3 primeiras perguntas do gráfico sugerem que os formandos são capazes de identificar a variação linguística em si e nos demais sujeitos do seu entorno e a grande maioria acredita que as diferentes gírias, sotaques e/ou outras línguas não interferem na aprendizagem ou na forma de escrever (90%).

As respostas da última pergunta mostram que 30% dos participantes da pesquisa já sofreram algum tipo de discriminação por causa do jeito de falar/sotaque. Para essa última questão, deixamos espaços para que os alunos compartilhassem suas experiências e assim obtivemos os seguintes depoimentos:

- A. Eu estava no México ensinando a Língua Portuguesa para alguns alunos de lá (mexicanos), quando o aluno me disse que meu português era feio em relação ao português de suas professoras anteriores. Obs: elas eram cariocas. Me senti muito triste e tentei explicar à ele sobre a variedade da língua portuguesa, uma vez que as diversas formas de falar também acontece com outras línguas, inclusive a Língua espanhola (sic).

- B. Fiquei triste e muito sem graça. Disseram-me que falo "errado" (sic).
- C. Tinha 7 anos e fui morar no nordeste. Os colegas de escola imitavam o meu sotaque falando palavras como porta e porco dando ênfase no 'R'. Meu sotaque era paulista (apesar de eu ter dito que era de Cg- MS). Eu passei a evitar falar o meu sotaque e aprendi gírias locais a fim de interagir e me comunicar melhor (sic).
- D. Por ser carioca e crescer em Belo Horizonte/MG, disseram-me que falo "errado" por causa do meu sotaque misturadinho (sic).

O depoimento A diz respeito a uma avaliação linguística negativa de um estrangeiro, desencadeada por uma crença, acerca da variedade linguística usada pela acadêmica. O sentimento que esse comentário gerou (me senti muito triste) revela que a língua está diretamente relacionada à identidade do falante e que a atitude de atacar/discriminar essa língua e/ou a sua variedade é agredir o sujeito intimamente, atingindo a sua autoestima e provocando sentimentos negativos. Tal interpretação é corroborada nos depoimentos B, C e D.

### **Considerações finais**

Considerando o objetivo desta pesquisa, é possível afirmar que os participantes desta pesquisa – formandos dos cursos de Letras da UFMS/Campo Grande – demonstram conhecer as variações linguísticas e não disseminam mitos linguísticos típicos do senso comum. Nesse sentido, presume-se que a Universidade (mais particularmente a área de Letras) está cumprindo, ao menos parcialmente, o papel de tornar a variação linguística objeto e objetivo do ensino de língua em prol de uma educação linguística voltada para a construção da cidadania.

Afinal, uma sociedade verdadeiramente democrática não pode desconsiderar que os modos de falar dos diferentes grupos sociais constituem elementos fundamentais da identidade cultural da comunidade e dos indivíduos particulares e que diminuir ou condenar uma variedade linguística equivale diminuir ou condenar os seres humanos que a falam, como se eles fossem incapazes, deficientes ou menos inteligentes (Bagno, 2015).

## Referências

- BAGNO, M. **Preconceito Linguístico**. São Paulo: Parábola, 2015.
- BARCELOS, A. M. F. Reflexões acerca da mudança de crenças sobre ensino e aprendizagem de línguas. **Revista Brasileira de Linguística Aplicada**, Belo Horizonte, v. 7, n. 2, p. 109-138, 2007.
- BOTASSINI, J.O.M. A importância dos Estudos de Crenças e Atitudes para a Sociolinguística. **Signum: Estud. Ling.**, Londrina, n. 18/1, p. 102-131, jun. 2015.
- CALVET, L. J. **Sociolinguística: uma introdução crítica**. São Paulo: Parábola, 2002.
- FREITAG, R. M. K. et al. Como os brasileiros acham que falam? Percepções sociolinguísticas de universitários do Sul e do Nordeste. **Todas as Letras**, São Paulo, v. 18, n. 2, p. 64-84, maio/ago. 2016.
- LABOV, W. **Padrões Sociolinguísticos**. São Paulo, Parábola Editorial, 2008.